



A INCLUSÃO DE CONTOS AFRICANOS NOS MATERIAIS DE LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Jessica Machado de Sena e Silva ¹

Esse artigo tem o intuito de atribuir valor ao propósito do uso literatura e suas contribuições para a representatividade na Educação Infantil. O objetivo principal desse estudo é o levantamento de questões a respeito da inclusão de contos africanos nos materiais de leitura. Como por exemplo, o porquê do baixo acesso dessas obras e a não divulgação de autores negros no âmbito escolar. A construção de críticas ao não incentivo dos Diretores e responsáveis pela coordenação, diretrizes pedagógicas das instituições na apresentação de materiais de diferentes culturas. A solidão do professor (a) que quer lutar por uma educação antirracista, buscando sozinho por conteúdos didáticos, arcando com os custos de materiais próprios etc. Além de enfrentar o preconceito de colegas de trabalho e pais de aluno pelo não respaldo e cumprimento obrigatório da Lei Federal 10639/03 nas escolas em todos os anos de formação.

A metodologia utilizada é a de elencar a importância das crianças terem contato com contos africanos através de análises de pensamentos de autores, educadores, teóricos com destaque aos negros e seus esforços pela representatividade da literatura africana durante todos esses anos nos quais a eugenia dominou prateleiras com sua escrita e acontecimentos que somente a eles pertenciam. Estórias, personagens, situações, vitórias e o mais belo final feliz ou a moral e valorização dos costumes europeus.

A sustentação teórica tem como ponto de partida Sueli Carneiro por expor os livros racistas e citar exemplos de literatura negra a ser utilizada, a leitura da obra *Do silêncio do lar ao silêncio escolar: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil* de Eliane dos Santos Carvalheiro para traçarmos um cenário da necessidade da literatura para a representatividade. Seguimos com Neusa Baptista Pinto por suas obras falarem sobre a descoberta da beleza própria e auto aceitação, valores que devemos

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro - UERJ, JHONDICLIIFE@yahoo.com;



transmitir aos nossos educandos. Dialogamos com Malu Costa por ser pedagoga e escritora afro-brasileira e seus escritos serem voltados principalmente à literatura infanto-juvenil. Seu ato de buscar a afirmação racial fortalece os laços da visibilidade cultural afrodescendente. Por fim Kiusam de Oliveira pela variedade de temas diversos dentro da literatura negra. O material da UNESCO contendo a reunião de contos africanos será utilizado para recorte.

A introdução do artigo inicia-se propondo o uso da literatura trabalhando o conceito de diversidade que segundo Brant (2005, p. 78) a define como sendo:

“A definição de diversidade poder ser entendida como o conjunto de diferenças e valores partilhados pelos seres humanos na vida social. Este conceito está intimamente ligado aos conceitos de pluralidade, multiplicidade, diferentes modos de percepção e abordagem, heterogeneidade e variedade”.

A pesquisa trás a reflexão a respeito da importância das crianças terem contato com os contos africanos pela valorização da nossa cultura e origens. Cultura essa durante séculos apagada, silenciada e substituída pela eurocêntrica em razão da hegemonia. Além do objetivo principal do levantamento de questões a respeito da inclusão de contos africanos nos materiais de leitura, o tema escolhido tem o intuito de tratar a importância da representatividade no ambiente escolar. A metodologia utilizada é a leitura e análise da compilação bibliográfica de artigos e obras que mostram a importância da representatividade no ambiente escolar, citações e pensamentos a respeito da literatura como diversidade cultural e uma breve crítica a Lei 10.639/2003.

Desdobraremos o estudo questionando a importância de crianças terem contato com contos africanos respondendo com base nas hipóteses abertas de ser pelo motivo histórico e a ligação ancestral que o Brasil tem com a vinda dos povos africanos e a prática de seus costumes. O que se tornaria o que chamamos de cultura afro-brasileira, relatando o que aconteceu aqui e as transformações de nossos ancestrais do tempo da escravidão aos dias atuais. Ritos, costumes, comportamentos, percepção de mundo distinto a que durante séculos a literatura exaltou e como resultado a história ocultou. Pelo direito de sabermos e entendermos nossas origens, somos um país miscigenado. De acordo com Neiva Justa para um artigo no ABERJE em 2019:

“A Somos o segundo maior país negro do mundo, atrás somente da Nigéria. Mais da metade nossa população, 54%, é formada por pretos e pardos. Três em cada 10 brasileiros, são mulheres negras. Pouco mais de milhões se declaram amarelos e quase 900 mil se dizem indígenas [...]”.



A visão de diferentes povos, raças e etnias devem ser ouvidas. Por fim a necessidade de mostrar ao mundo a contribuição africana para a história da humanidade. A literatura como diversidade cultural e a contribuição de obras de autores (as) não brancos (a) para uma Educação antirracista como método de dissipar a existência de muitas informações preconceituosas acerca do continente africano foco desse estudo e dos demais povos encarecidos de visibilidade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

É intrigante questionar através dessa pesquisa onde estava todos esses autores maravilhosos e tanto saber oculto de nossos olhares em prateleiras desinteressantes de livraria. As crianças passaram da hora de terem acesso a leitura que versam suas cores, crença e realidades. A sala de aula tem o dever de ser plural. Todas as crianças, adolescentes, professores tem o direito de ser reconhecida em quaisquer materiais didáticos e paradidáticos, assim a inclusão se torna real e verdadeira.

Materiais da UNESCO e o surgimento de iniciativas de professores e pessoas bem intencionadas estão trazendo para algum plano visível aos olhos (sites, blogs) a distribuição de materiais. Entretanto, de forma autônoma sem certezas de que chegará a todos por meio de Instituições nas quais detém o poderio de legitimá-los perante uma sociedade. Ainda a questão de ter uma opção de baixar ou não, incomoda as diretrizes do processo desse estudo. Levando em conta que a cultura eurocentrica não dera alternativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegamos à conclusão ser inviável falarmos de autoestima e Educação antirracista apagando nossas histórias, não nos colocando como personagens protagonistas do conto de cada um e os contos africanos trás isso. Os provérbios, o modo de verem a vida, as consequências dos atos do povo afrodescendente dentro daquela sociedade protagonizada pela maioria negra.

Concluimos que a Lei 10.639/2003 tem sido branda em deixar opcional o uso do material tanto indígena quanto afrodescendente e cobrar sua obrigatoriedade seria o ideal.



Palavras-chave: Contos africanos, Afrodescendência, Educação antirracista.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus que não me desamparou em nenhum momento e fez com que fosse possível a realização desse sonho, que é fazer parte do meu primeiro CONEDU. A minha família que esteve comigo acompanhando cada palavra aqui escrita. E a mim por não ter desistido apesar das dificuldades.



REFERÊNCIAS

BAPTISTA PINTO, Neusa. *Cabelo ruim – A história de três amigas aprendendo a se aceitar*. TANTA TINTA. 2010.

CAVALEIRO, Eliane dos Santos. *Do silêncio do lar ao silêncio escolar, racismo, preconceito e discriminação na educação infantil*. 6. ed. São Paulo: Contexto

COSTA, Madu. *Koumba e o tambor de Diambê*. Desenhos de Rubem Filho. Mazza Edições. 2009.

COSTA, Madu. *Zumbi dos Palmares em cordel*. Ilustrações de Josias Marinho. Mazza Edições. 2013.

História e cultura africana e afro-brasileira na Educação Infantil. Brasília. Ministério da Educação. 2014.

JUSTA, NEIVIA. Racista eu? ABERJE, 30 de agosto de 2019. Disponível em: <<http://www.aberje.com.br/colunas/racista-eu/>> Acesso em: 05 de abril. de 2020.

OLIVEIRA, Kiusam. *Obo-oba. Histórias de princesas*. Massa. 2009.